

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR: A MAGIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Simônica da Costa Ferreira (autora); Mirian Celeste Ferreira Dias Martins (orientadora)

Universidade Presbiteriana Mackenzie - simonicacf@gmail.com / mcmart@uol.com.br

RESUMO

O professor a cada dia que passa necessita buscar conhecimento; esse deve ser colocado em prática de maneira que leve seus futuros professores a terem prazer pelo ensino, e o mesmo não pode ser realizado de maneira mecânica, mas proporcionar o entendimento de que o educador não necessita se limitar às disciplinas engessadas, ele pode voltar seu olhar para as necessidades que são colocadas em seu ambiente de trabalho que, muitas vezes, são expostos por seus alunos através do diálogo, mas sabemos que essa tarefa não é tão fácil. Tratamos do entendimento no que diz respeito à interdisciplinaridade como um meio para se mediar o exercício docente, pois esse pode proporcionar um leque de interações possíveis visando à melhoria das ações e, conseqüentemente, uma mediação que proporcionará a realização de situações de aprendizagem que possam contribuir para o crescimento relacionado ao conhecimento. Portanto, objetivou-se mostrar a importância das práticas em sala de aula com um relato de experiência trazendo a contação de histórias como agente facilitador para a compreensão da importância de tal momento, o qual nos permite analisar a relevância da dialogicidade para detectar dificuldades entre os alunos, colocando em prática a interdisciplinaridade. Considerando a relevância do olhar do professor para a própria prática, concluímos reforçando a responsabilidade do educador como mediador de todo processo de ensino-aprendizagem levando em consideração que, é possível realizar um trabalho que converse com outras disciplinas e, conseqüentemente pode levar para uma mediação que possibilite ao docente perceber sua prática e o que é preciso para que essa seja ampliada, repensada e melhorada.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, prática pedagógica, formação de professores, contação de histórias.

Introdução

O que é e o que significa interdisciplinaridade? Esse termo, por vezes, desconhecido ou não compreendido por muitos, possibilita a interação dos mais variados campos da educação. Com a interdisciplinaridade é possível um trabalho que vise o diálogo entre várias disciplinas existentes. Segundo Yared (2013), “etimologicamente, interdisciplinaridade significa, em sentido geral, relação entre as disciplinas” (p. 167), mas não é algo fechado em si devido a sua própria nomenclatura, pois se fosse fechado não seria “inter = movimento”, como a autora nos afirma.

Segundo Fiorin (2007), o texto, assim como o conceito de interdisciplinaridade, não é um aglomerado de frases e tem uma intenção; quando pensamos em texto, esse nos remete a uma colcha de retalhos com vários pedacinhos de pano, mas com a intenção e a finalidade de aquecer alguém ou deixar uma cama mais bonita. A educação

interdisciplinar também, é realizada por vários educadores ou “apenas um” que têm a intenção de interagir com outras áreas do saber visando a ampliação do conhecimento de seus alunos. Isso significa proporcionar ao aluno o aprender fazendo conexões, entre outros fatores, e a interação no trabalho docente. A interdisciplinaridade pode proporcionar o pensar além, para que esse docente desenvolva seu planejamento em conjunto e com excelência e permita ao aluno seu desenvolvimento.

Sendo assim, objetivamos mostrar a importância de um trabalho interdisciplinar, pois o professor, como mediador de todo esse processo, necessita buscar situações de aprendizagem que possibilite que seu educando percorra o caminho para a construção do saber. É nesse ponto que deve estar em evidência seu entendimento a respeito dos projetos interdisciplinares que só vêm a agregar no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, percebemos a grande importância de se compreender o que vem a ser uma educação interdisciplinar e suas práticas.

Metodologia

Nossa comunicação traz um relato de experiência realizado no ensino superior no curso de Pedagogia de uma universidade no interior de São Paulo, qual seja Faculdade de Administração e Ciências Contábeis – FAC/São Roque. Esperamos contribuir para a relevância e as possibilidades deste trabalho, destacando a ação do professor como mediador, sua visão com referência à prática e o (re)pensar sobre ela. Sendo assim, nos baseamos em textos que já relatam sobre a temática em voga que parte de materiais já existentes sobre o assunto (GIL, 2002). Portanto, além de trazer nossa experiência vivida em forma de relato de experiência, fundamentamos nossa prática com autores que falam com excelência a respeito da temática.

Discussão

A interdisciplinaridade e a prática do educador

Podemos nos referenciar à interdisciplinaridade como uma ação que dialoga com várias disciplinas. Mas, não é um termo de fácil definição. Segundo Leis (2011, p. 113 e 114),

Qualquer demanda por uma definição unívoca do conceito de interdisciplinaridade deve ser rejeitada, por tratar-se de uma proposta que, inevitavelmente, é feita a partir de alguma das culturas disciplinares existentes. Em outras palavras, a excessiva preocupação com a procura de um marco teórico-metodológico definitivo para a interdisciplinaridade não é algo propriamente interdisciplinar. Tendo em vista que não existe uma definição única possível [...].

Assim, a interdisciplinaridade é um caminho pelo qual se pode trabalhar de maneiras diversas, proporcionando um ensino que permite um olhar que vai além de uma padronização do ensino. Por mais que possa se iniciar um projeto interdisciplinar a partir de uma disciplina, esse pode envolver as outras áreas, pois segundo Gallo (1995), a interdisciplinaridade pode possibilitar uma movimentação entre os saberes, levando à percepção da interatividade.

O processo educacional, levando em consideração o modelo interdisciplinar, é realizado de modo não mecânico, ou seja, a cada aula realizada, a cada conteúdo mediado, o professor pode inserir outras disciplinas para ensinar. Com isso, ele pode realizar o exercício de rever sua prática a cada resultado de suas ações com os alunos; observando o *feedback* dos mesmos, pois “a interdisciplinaridade supõe, de alguma forma, uma reação à abordagem disciplinar normalizada (seja no ensino ou na pesquisa) dos diversos objetos de estudo, existem sempre, em consequência, várias reações interdisciplinares possíveis para um mesmo desafio do conhecimento” (LEIS, 2011, p. 114)

Como educadores devemos viver incessantemente à busca renovação da nossa prática, mormente quando nos referimos ao Ensino Superior, pois a academia tem deixado a desejar quando se trata da atuação do discente como um futuro docente.

O importante não é ser autor, mas estudista e, para tanto, acreditamos que a pesquisa nos proporciona muitos caminhos e que, através dela, podemos mediar o conhecimento ampliando os saberes e levando o futuro professor a entender que esse, o educador, pode ser pesquisador.

Shulman (2014) nos diz que, “o resultado é que erro, sucesso e refinamento – em uma palavra, o crescimento do conhecimento do professor – são vistos em relevo, em destaque e em câmera lenta. O tropeço do neófito torna-se a janela do pesquisador”. (p. 201), ou seja, o pesquisador vai observar a prática desse professor, coleta dados, realiza a conversa textual com outros autores, detecta o problema, mas não leva para sua sala de aula essa prática, para que seus futuros professores não cometam os mesmos erros. A academia por sua vez, não tem dado condições a esse futuro educador, de alguma forma, mudar ou pelo menos tentar resolver a deficiência na mediação do conhecimento; o erro realmente é uma janela para o pesquisador e não um caminho que leve a uma única possível solução.

É importante salientar que a pesquisa leva a possíveis soluções, pois muitas vezes, “aspectos fundamentais do ensino, como o conteúdo lecionado, o contexto em sala de aula, as características físicas e psicológicas dos alunos ou a realização de propósitos não

necessariamente avaliados por testes padronizados são tipicamente ignorados na busca pelos princípios gerais do ensino eficaz”. (SHULMAN, 2014, p. 204). Assim, esses aspectos que poderiam contribuir para um estudo mais completo e transformador, são deixados de lado.

Entendemos e cremos que o professor do Ensino Superior deve proporcionar uma base de conhecimento para seu aluno, para que esse possa desenvolver seu papel com eficiência, mostrando sua habilidade em mediar o conteúdo teórico dentro de um diálogo prática.

Conscientemente ou não, o professor também transmite ideias sobre como a ‘verdade’ é determinada numa área e um conjunto de atitudes e valores que influenciam notoriamente a compreensão do aluno. Essa responsabilidade demanda especialmente a como suas atitudes e valores que influenciam notoriamente a compreensão do aluno. Essa responsabilidade demanda especialmente a profundidade de compreensão do professor das estruturas da matéria, assim como suas atitudes e entusiasmo com relação ao que está sendo ensinado e aprendido. Esses vários aspectos do conhecimento do conteúdo, portanto, são devidamente entendidos como uma característica central da base de conhecimento para o ensino. (SHULMAN, 2014, p. 208 – grifo do autor)

A prática tem que dialogar com a teoria e vice-versa e os conhecimentos prévios também contribuem para que possamos mediar a construção do conhecimento que buscamos ampliar. Neste sentido, a pesquisa é de extrema importância, podendo proporcionar um olhar diferenciado sobre possíveis práticas para que os conhecimentos sejam delineados, compreendidos e ampliados.

O olhar do qual nos referimos coloca o aluno como protagonista e não o professor. Shulman (2014, p. 210) diz que, “[...] os alunos podem cuidar das tarefas instrucionais, orientando-se a si mesmos para aprender com o mínimo possível de interrupções e distrações, e receber uma oportunidade justa e adequada para aprender”[...], ou seja, o educador é um facilitador e o aluno o propagador do aprendizado.

Existe uma analogia no que diz respeito ao aluno e ao professor, pois o primeiro está em sala de aula para construir conhecimentos do que ainda lhe é desconhecido ou apenas superficial, mas tem uma bagagem de conhecimentos que podem proporcionar um aprendizado coletivo, a partir de relatos de experiências vividas em sala e fora dela. O educador, por sua vez, tem o conhecimento do assunto que pode ser para o discente uma incógnita, mas também pode aprender a aprender com seu educando, que lhe obriga a rever os conteúdos a partir das respostas e reações de seus alunos. Esse exercício proporciona uma prática que, somada à matéria ou a outras matérias podem levar a um aprendizado interdisciplinar.

A magia da contação de histórias

Como professora há 1 ano e meio no curso de Pedagogia em uma universidade pública, senti várias dificuldades em meu ingresso que me impulsionaram na busca de mais conhecimento para aprimorar minha prática.

A disciplina ministrada era “Saberes e Metodologia de Ensino da Educação Infantil”, fundamentada por várias obras, com destaque para “*Educação Infantil: pra que te quero?*”, uma obra organizada por Carmen Craidy e Gládis E. Kaercher (2001).

Diante da leitura de alguns capítulos do livro, anteriormente citado, realizei vários diálogos sobre o trabalho com a criança impulsionando às futuras professoras a exporem seus pensamentos, seus conhecimentos prévios sobre o que pensavam em relação à criança e a escola, dentre outros. Nesse momento, trouxemos a literatura para nossa roda de conversa e pude perceber a dificuldade que as alunas tinham na contação de histórias, pois pareciam não ter nenhuma base de conhecimento para realizar a prática. As inquietações se resumiam aos questionamentos: Como faço uma contação de histórias? É só ler o livro? Como “conter” as crianças?

Percebendo várias dificuldades em relação à contação de histórias na Educação Infantil, preparei um minicurso¹ que trazia em seu conteúdo a teoria, como as técnicas de contação, utilizando o livro de Betty Coelho (1989), intitulado “*Contar histórias: uma arte sem idade*” e a prática para a visualização das discentes em como realizar a ação.

O minicurso iniciou com uma apresentação teórica das técnicas de contação, trazidas por Coelho (1989) a partir do livro, flanelógrafo, simples narrativa, fantoche etc. Disse-lhes que traria uma convidada para realizar uma das técnicas de maneira prática, deixando em suspense quem seria essa pessoa. Após esta primeira fundamentação, convidei as alunas para que se dirigissem para a sala ao lado para tomarem um lanche, enquanto eu iria buscar a convidada. Na realidade, a pessoa era eu.

Enquanto as alunas lanchavam, me caracterizei de Emília, personagem do *Sítio do Pica pau Amarelo* e, depois pedi para uma auxiliar leva-las à sala que já estava preparada para a contação, e fechasse a porta. Cheguei caindo, e dei a justificativa que minhas pernas eram de pano e que, às vezes, não conseguia me equilibrar. A reação das alunas foi de encantamento ao me verem de Emília, embora demorassem alguns segundos para me reconhecerem.

Após entrarmos na sala, com voz de boneca, pedi para que fizessem um círculo e iniciei um aquecimento antes da história que consiste em levar a criança a concentrar-se e,

¹ Entende-se por minicurso um evento de curta duração que dá uma visão geral de determinado assunto, neste caso, a contação de histórias.

consequentemente, olhar para o que está acontecendo no momento da contação; o aquecimento permite “catalisar a atenção em torno da palavra do contador, criando uma atmosfera de unidade no grupo” (MATOS; SORSY, 2007. p. 57). Esse, permite uma brincadeira com as crianças e foi procedido da seguinte forma:

- Para prestarmos atenção em uma história o que precisamos? (depois de várias sugestões, chegamos na resposta...)

- Concentração

- Muito bem, então precisamos chamar a concentração! E onde temos que passa-la?

- Nos olhos, nos braços, nas pernas, na boca, no bumbum.

- Muito bem! Então vamos chamar a concentração! (Nesse momento, vamos brincando de chamar a concentração e passar com as mãos, nas partes do corpo citadas pelas crianças, neste caso, as alunas)

Com a concentração “acordada”, iniciei a contação de uma história intitulada “*As estrelas do céu*”² de autor desconhecido. Nela uma menina tem o sonho de tocar as estrelas e, através desse, percorre um caminho onde encontra um moinho, um lago, fadas etc., que a vão direcionando rumo às estrelas. Para cada conversa, fiz uma voz diferente que prendeu a atenção das alunas. Isto também acontece com as crianças, pois já realizei essa contação para uma turma de 130 crianças de Educação Infantil e todos ficaram atentos até o final.

Quando essa garotinha está perto de tocar as estrelas, ela acorda. E esta história entrou por uma porta e saiu pela outra, e quem souber, que conte outra. Nesse ponto, fica para a criatividade de cada professor.

Depois desse minicurso, várias alunas vieram agradecer e dizer quanto estavam encantadas com tudo que havia acontecido. Expliquei que devemos proporcionar um momento de prazer às crianças na hora da história e essa não pode se resumir a apenas um passa tempo.

Após alguns dias, uma aluna me procurou, perguntando se poderia confeccionar a roupa da Emília para realizar a contação na escola da qual era auxiliar, pois iria realizar a contação da mesma forma. Fiquei extremamente feliz com isso e para minha surpresa, o trabalho de conclusão de curso da aluna foi sobre a contação de histórias. A mesma segue até hoje realizando esse trabalho na instituição da qual trabalha e recebi esse retorno de outras alunas também.

² História disponível em: <http://semeadoradesonhos.blogspot.com.br>

Realizando esta ação pude mostrar às alunas a importância de se trabalhar a literatura também de uma forma diferente e, conseqüentemente, esse trabalho pode se estender a outros professores, pois a prática do teatro somado à contação de histórias permite a união não só a união de professor e aluno, mas também de outros educadores e também de toda escola.

A caracterização, a voz, o olhar de quem está interpretando a contação são elementos que podem propiciar, a quem está assistindo, um mergulhar na imaginação enquanto a história é contada. Essa técnica recebe o nome de simples narrativa que, segundo Coelho (1989).

[...] é, sem dúvida, a mais fascinante de todas as formas, a mais antiga, tradicional e autêntica expressão do contador de histórias. Não requer nenhum acessório e se processa por meio da voz do narrador, de sua postura. Este, por sua vez, com as mãos livres, concentra toda sua força na expressão corporal. [...] É a maneira ideal para contar uma história e a que mais contribui para estimular a criatividade (p. 32).

Entendo que essa prática leva o professor a entender que a interdisciplinaridade tem uma intenção, qual seja, de não apenas entrar na sala de aula e ministrar o conteúdo, mas também proporcionar momentos para os alunos. Esse relato mostra que é possível trabalhar artes, pois com a caracterização podemos encenar a história. Na teoria, temos um breve histórico de como se deu o início da contação de histórias somado a todo contexto educativo.

A importância do rever a prática

O contar histórias é um momento mágico de encantamento; não é simplesmente contar, mas também encantar visando a criança, tendo um olhar sensível, de amor como sempre nos faz pensar Freire (2006) quando diz que, “sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo [...] é ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens [...]. O ato de amor é comprometer-se com a causa. A causa da libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico” (p. 92).

A escrita deste trabalho me proporcionou o repensar a respeito da minha prática e o que é possível fazer para melhorar. A experiência vivida com o minicurso me fez olhar para as alunas de maneira diferente e realmente parar e ouvir o que elas, muitas vezes, querem dizer e, com tanto trabalho a ser realizado não paramos para ouvir. Perceber que é possível realizar ações em conjunto não só com as alunas, mas com outros professores podendo estender à comunidade.

Em se tratando da Educação Infantil, entendo que o ato de educar não se resume a entrar em sala de aula e transmitir o ensino, mas sim mediá-lo e proporcionar momentos de prazer para que o aprendiz se sinta acolhido. Portanto, o professor

deve manter-se em uma constante busca de rever sua prática, para que a cada aula dada possa proporcionar um aprendizado prazeroso e eficaz.

A dialogicidade deve estar presente em sala de aula, levando o aluno à interação e aprendizagem; o professor aprende com o aluno e vice-versa. Não se deve impor, ou seja, o educador fala e o educando ouve, mas sim haver momentos de mutualidade, de compartilhamento, de ouvir, de falar.

Essas ações e representações se traduzem em jeitos de falar, mostrar, interpretar ou representar ideias, de maneira que os que não sabem venham a saber, os que não entendem venham a compreender e discernir, e os não qualificados tornem-se qualificados. Portanto, o ensino necessariamente começa com o professor entendendo o que deve ser aprendido e como deve ser ensinado. (SHULMAN, 2014, p. 205)

As ações que envolvem o diálogo com outras áreas do saber, podem ser realizadas por um ou mais professores, pois estas devem visar a ampliação do conhecimento do aluno, visto ser este o principal sujeito do aprendizado. Com isso, mesmo o educador sendo o mediador dessas ações, pode-se realizar interações que podem proporcionar um crescer constante tanto dos discentes como também dos docentes.

Assim, cabe ao professor mediar o aprendizado, seja qual for, de maneira a levar o aluno a compreender o que lhe é ensinado. Sabemos que algumas crianças apresentam dificuldades e isso não deve ser visto pelo professor como um obstáculo, e sim como uma motivação para que esse educando também possa, dentro de suas capacidades, avançar.

Conclusão

Levando em consideração a condição *sine qua non* da mediação do conhecimento, entendemos que o professor deve observar com olhos que veem além das quatro paredes da sala de aula. É possível realizar um trabalho que converse com outras disciplinas e que proporcione ao aluno um fazer autônomo, sem imposições e que lhe permita o prazer de aprender. O educador universitário deve entender que sua prática irá refletir na vida de futuros professores, e essa será passada adiante por eles.

O rever a prática contribui para nos mostrar possíveis falhas e também iniciarmos uma pesquisa com nosso olhar voltado para os futuros professores, visando compreender o que pode ser realizado para melhorar e inserir situações que irão contribuir para o crescimento desses e assim, analisar o que pode ser feito para encontrar soluções possíveis.

Sendo assim, diante do relato, pude compreender a importância da Arte do curso de

Pedagogia, pois essa dá possibilidades para a realização de várias maneiras de se trabalhar para o crescimento de nossos alunos.

Portanto, o necessário é permitir um aprendizado que vise a melhor maneira de se mediar o ensino, para que o professor em formação possa propagar essa prática de forma intencional, ou seja, agregando outros métodos que juntos darão a melhor aplicação do conteúdo.

Rever a prática é necessário, manter-se em constante formação, é imprescindível!

REFERÊNCIAS

COELHO, Betty, **Contar Histórias Uma Arte Sem Idade**: São Paulo: Ática S.A. 1989.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 43ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FIORIN, José Luíz. **Para entender o texto**: leitura e redação. 17ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

GALLO, S. **Conhecimento, transversalidade e currículo**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24. Programa e resumos. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 1995. p. 97.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo, 2002.

LEIS, Hector Ricardo. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In: **Interdisciplinaridade em ciências, tecnologia & inovação**. São Paulo: Monole, 2011.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SHULMAN, Lee S. **Conhecimento e ensino**: fundamentos para a nova reforma. São Paulo: Cadernos Cenpec. v.4, 2014, p. 196 – 229.

YARED, Ivone. O que é interdisciplinaridade? In: FAZENDA, Ivani (org). **O que é interdisciplinaridade?** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013, p. 167 – 172.